



**“DANÇA SUTIL: MULHER-ÁRVORE NAS CURVAS DA MARÉ”:
UMA GEOPERFORMANCE ANTIESPECISTA**

**“DANZA SUTIL: MUJER-ÁRBOL EN LAS CURVAS DE LA MAREA”:
UNA GEOPERFORMANCE ANTIESPECISTA**

Gabriela Canale Miola¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: A fotoperformance celebra relações interespecíes e critica explorações de biomas, investigando a relação entre uma mulher e uma árvore na beira do mar. Dançando com um tronco, ela faz analogias entre a sustentação do seu corpo e a engenharia de sustentação da árvore. Em uma dança com a maré, ela explora como o corpo humano se relaciona com o vegetal, brincando com a gravidade. A narrativa visual valoriza a presença vital nos ciclos geológicos e biológicos, rejeitando antropocentrismos.

Palavras-chave: Geoperformance. Ecoperformance. Fotografia. Antiespecismo.

Resumen: La fotoperformance celebra relaciones interespecies y critica las explotaciones de biomas, investigando la relación entre una mujer y un árbol en la orilla del mar. Bailando con un tronco, ella hace analogías entre la sustentación de su cuerpo y la ingeniería de sustentación del árbol. En un baile con la marea, ella explora cómo el cuerpo humano se relaciona con el vegetal, jugando con la gravedad. La narrativa visual valora la presencia vital en los ciclos geológicos y biológicos, rechazando el antropocentrismo.

Palabras clave: Geoperformance. Ecoperformance. Fotografía. Antiespecismo.

¹ Professora pesquisadora no Departamento de Artes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. E-mail: gabicanalegmail.com Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7139310622652380>



"Dança Sutil: As Curvas da Maré": uma geoperformance antiespecista

"Dança Sutil: As Curvas da Maré" é uma geoperformance antiespecista que acontece na beira do mar durante a maré alta. Nessa performance, uma mulher e uma árvore se encontram e interagem. A mulher se desvincula das obrigações de um corpo "útil" e das representações tradicionais de gênero, abraçando uma conexão mais íntima com o ecossistema. A performance reflete uma busca por presença vital nos ciclos geológicos, rejeitando a lógica do extrativismo e do progresso antropocêntrico.

A performance é endereçada ao ambiente e aos seres que nele habitam. Não há público humano. Os códigos da arte centrada nos sentidos humanos e em sua economia de códigos e valores estão fora da ação performativa. A fotografia opera como um recurso para resgatar a sensibilidade com os pares humanos – apartados da ação no ambiente (MELIN, 2008).

O foco da ação são diálogos mais que humanos (TSIN, 2021). A ação é endereçada ao mar, ao tronco, à gaivota que a observa e também aos olhos futuros que a encontrarão depois. Os seres centrais são a performer e uma árvore. A árvore é mãe, irmã, amiga, professora. A sabedoria da árvore é protagonista; sua inteligência é celebrada em uma dança rumo à maré. "No caso das plantas, de cara poderíamos concluir que elas apresentam uma consciência central. Ou seja, elas se percebem como indivíduos e concebem um aqui-e-agora" (BUCKERIDGE, 2023).

A performer escapa das obrigações do corpo de trabalho "útil", da "dependência exclusiva no valor econômico" (SHIVA, 2003, p.109). Se desvencilha do corpo que trabalha para performar gênero em aparência e ação (FEDERICI, 2021). É outra performance que a interessa - afasta-se da performance moderna ocidental desenvolvimentista de exploração, quer ser parte integrante do bioma. Recusa o extrativismo unindo-se ao corpo de uma árvore que chegou do mar. Dois corpos convivendo sob a mesma gravidade.

Há uma investigação entre os corpos humano e vegetal. A coluna vertebral oferece sustentação ao corpo humano, permitindo flexibilidade, mobilidade e deslocamento ereto. O tronco das árvores proporciona sustentação para galhos, folhas e frutos, além de abrigar sistemas de condução interna, como o xilema e o floema. Elas interagem movendo-se ao ritmo do mar que as recebe. Há proximidade e parentesco, o oposto do extrativismo e da exploração. Há um contato com a proposta de ecoperformance (PANNEK, 2021) ao dialogar com o ecossistema: "O ambiente, em sua complexidade animal, vegetal e mineral, se torna sujeito da cena, o entorno vira centro, mas por toda parte". No entanto, a geoperformance busca deixar para trás a economia de termos e conceitos de cena. Não há cena, nem encenação, nem representação, nem apresentação. Há presença vital nos ciclos vitais e geológicos — vegetal, animal, maré.

Uma dança sutil e delicada para criticar o plantationceno. "A plantation empacotou a alienação humana com alienação ecológica, na qual as plantas foram separadas das espécies associadas para uma reprodução forçada uniforme" (TSIN, 2021). A



performance contraria a monocultura simbólica. Mulher e árvore alimentam parentescos novos, sábios, interespécies, não antropocêntricos, muito mais do que parentescos estranhos (HARAWAY, 2023).



Imagem 1. Gabriela Canale, Dança Sutil: Mulher-Árvore nas Curvas da Maré, fotoperformance, 40 X 23 cm, Florianópolis, 2024. Foto: Gabriela Canale, 2024.

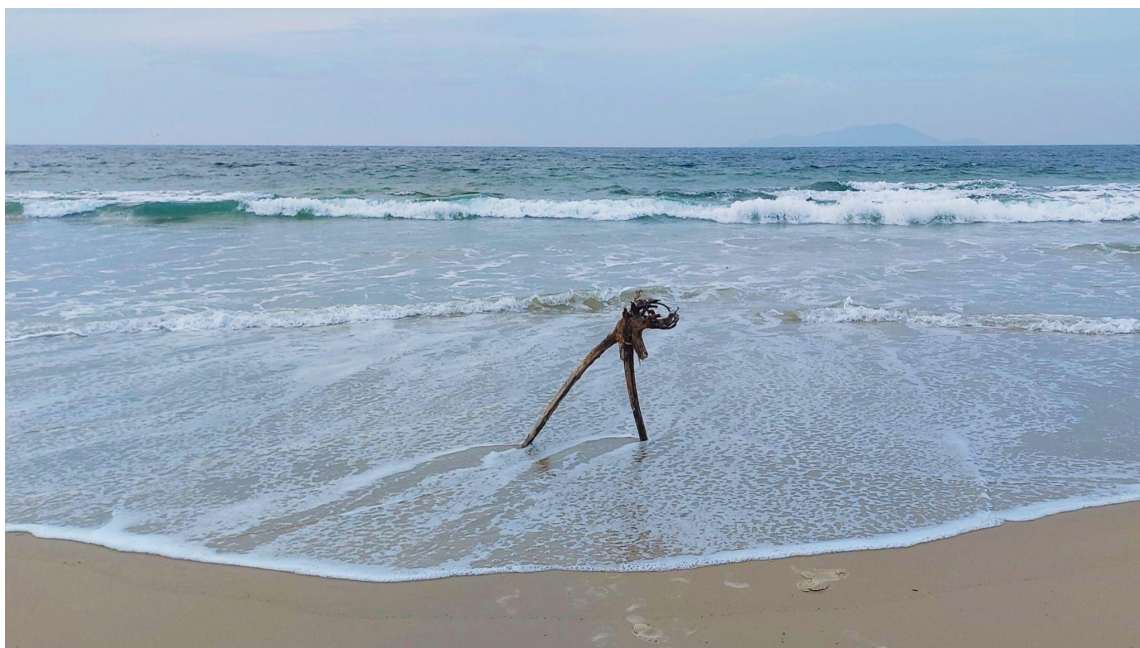


Imagem 2. Gabriela Canale, Dança Sutil: Mulher-Árvore nas Curvas da Maré, fotoperformance, 40 X 23 cm, Florianópolis, 2024. Foto: Gabriela Canale, 2024.

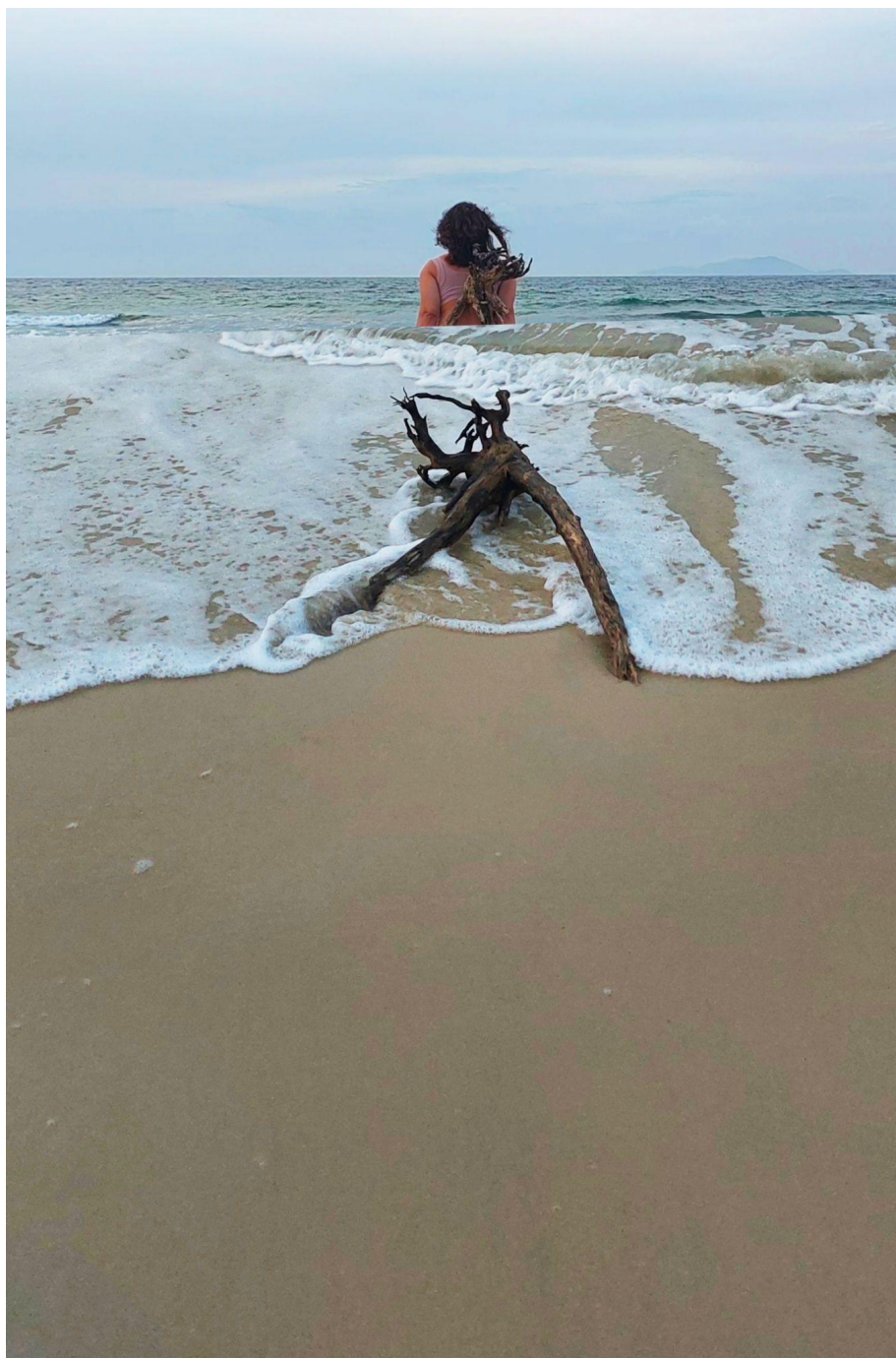


Imagem 3. Gabriela Canale, Dança Sutil: Mulher-Árvore nas Curvas da Maré, fotoperformance, 25 X 38 cm, Florianópolis, 2024. Foto: Gabriela Canale, 2024.

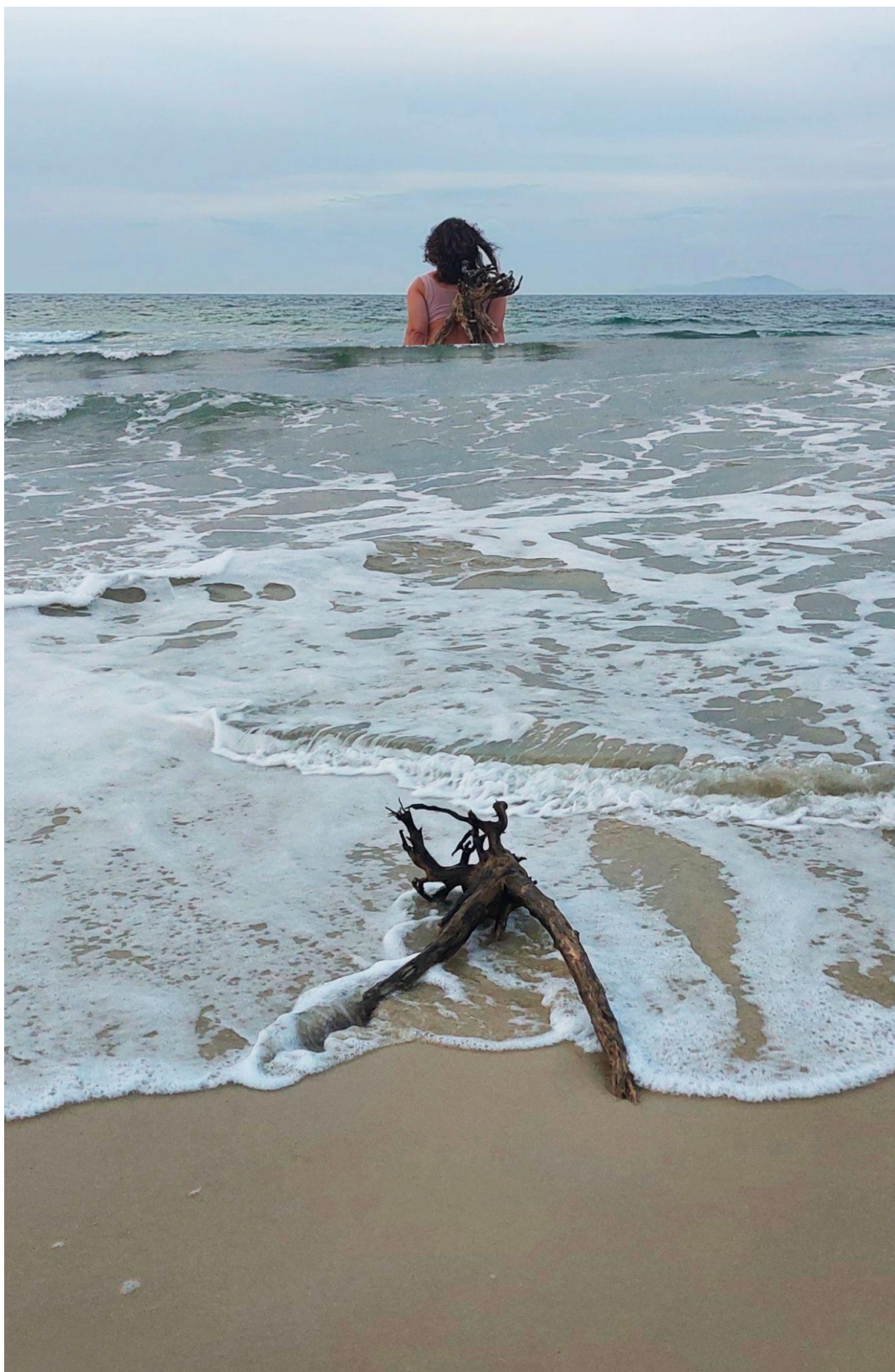


Imagem 4. Gabriela Canale, Dança Sutil: Mulher-Árvore nas Curvas da Maré, fotoperformance, 25 X 38 cm, Florianópolis, 2024. Foto: Gabriela Canale, 2024.



Imagem 5. Gabriela Canale, Dança Sutil: Mulher-Árvore nas Curvas da Maré, fotoperformance, 24 X 30 cm, Florianópolis, 2024. Foto: Gabriela Canale, 2024.

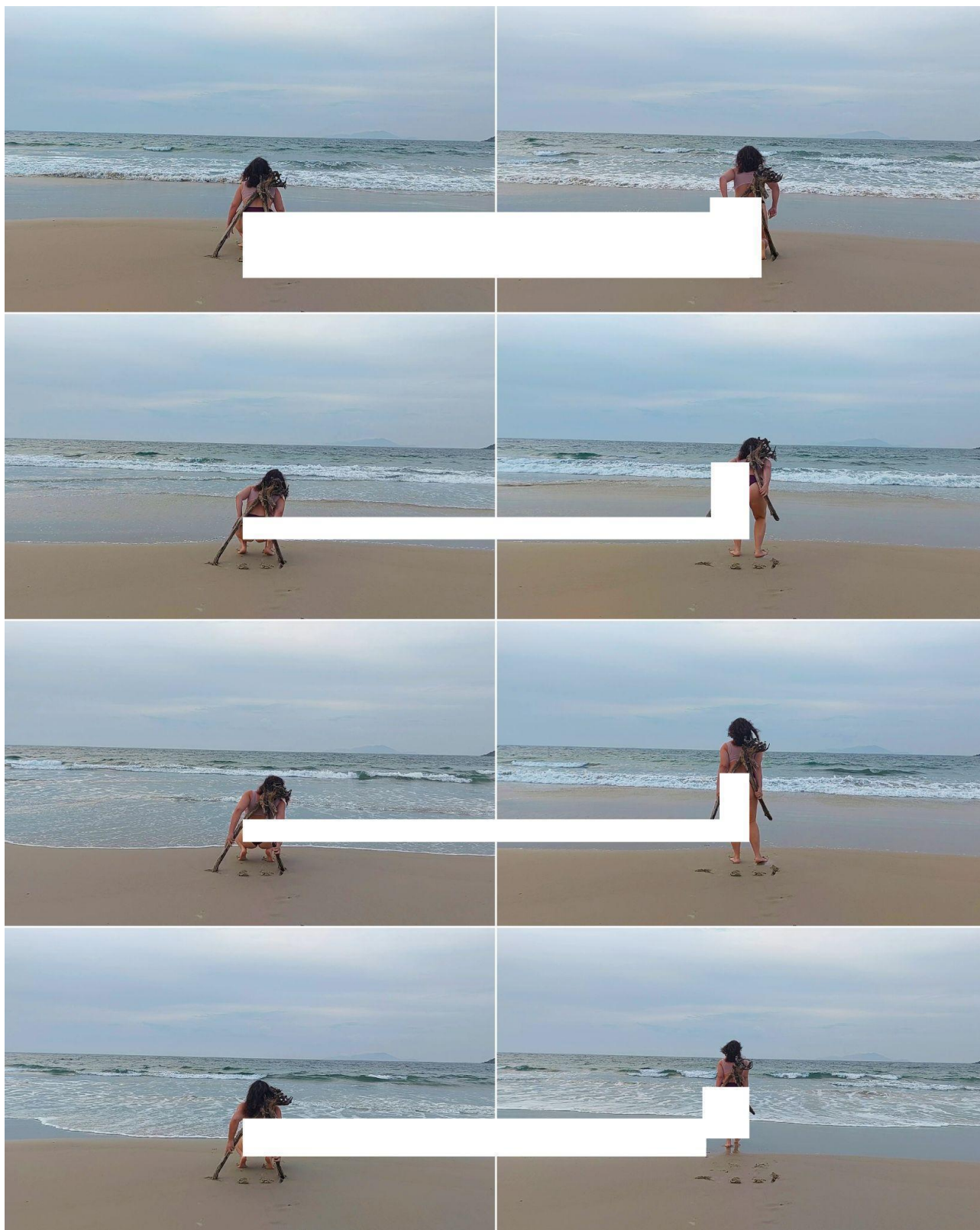


Imagem 6. Gabriela Canale, Dança Sutil: Mulher-Árvore nas Curvas da Maré. fotoperformance, 25 X 31 cm, Florianópolis, 2024. Foto: Gabriela Canale, 2024.



Referências

BUCKERIDGE, Marcos. Inteligência, uma propriedade biológica: cognição no mundo vegetal [Depoimento]. *Jornal da USP*. São Paulo: , Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=661672>. Acesso em: 28 jan., 2023, 2023

FEDERICI, Silvia. *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo*. São Paulo: Boitempo, 2021.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno*. São Paulo: N-1 edições, 2023.

MELIM, Regina. A fotografia como documento primário e performance nas artes visuais. In: *Crítica Cultural*, n. 2, Santa Catarina, 2008.

PANNEK, Dr. Wolfgang Pannek. *ECOPERFORMANCE: RUMO À SIMBIOCENA*. *Revista Heterotopías del Área de Estudios Críticos del Discurso de FFyH*. Volumen 4, N° 8. Córdoba, dezembro de 2021.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.

TSING, Anna Lowenhaupt. O antropoceno mais que humano. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176–191, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75732>. Acesso em: 28 abr. 2023.